

## A Noção de Sexualidade em Freud e Lacan: dessemelhanças

Alvinan Magno Lopes Catão\*

### Introdução

Este artigo tem como objetivo discutir a noção de sexualidade em Freud e Lacan, tomando o conceito de pulsão como referência. Segundo Roudinesco e Plon (1988), esse conceito, juntamente com o apoio, a bissexualidade e a libido, permite representá-la dentro da doutrina psicanalítica. Ao longo do artigo, buscar-se-á uma relação entre o conceito de pulsão em Freud e Lacan, traçando suas dessemelhanças nocionais para melhor compreensão do que se entende como sexualidade em psicanálise.

A noção de sexualidade constitui o alicerce, onde se assenta todo o edifício freudiano, pelo qual Lacan também se orienta em seu "retorno a Freud"<sup>1</sup>. Segundo Roudinesco e Plon (1988), Freud foi o único teórico de sua época a inventar uma nova conceituação para o fenômeno da sexualidade, buscando traduzir, nomear ou até mesmo construir uma prova sobre a mesma.

A elaboração dessa nova conceituação surge a partir de sua experiência clínica e de seus estudos sobre a histeria, pautados na escuta do indivíduo. Esses fatos levaram Freud a romper com a tradição teórica e epistemológica da sexologia, ciência biológica e natural do século XIX que estudava o comportamento sexual (ROUDINESCO; PLON, 1998). Nesse sentido, vale dizer que: “a grande contribuição freudiana foi ter inscrito a sexualidade como elemento constitutivo do existir humano, operando não apenas pelo viés biológico da reprodução, mas no campo pulsional” (VALENÇA, 2003, p. 25).

Para a compreensão da noção de sexualidade em Freud e Lacan e suas dessemelhanças, faz-se necessário compreender e diferenciar o entendimento de ambos sobre o conceito de pulsão, uma vez que esse conceito é um dos pilares para a teoria da sexualidade, implícita no conhecimento e na prática psicanalítica. Nos tópicos a seguir, procurar-se-á apresentar o significado desse conceito em Freud e sua reelaboração em Lacan.

---

\* Graduado em Psicologia pela Faculdade Anhanguera de Anápolis. Especialista em Didática e Metodologia pela mesma instituição. Especialista em Filosofia Clínica pela Faculdade Católica de Anápolis. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás. Atua como psicólogo clínico de base psicanalítica no Consciência – Consultório de Atendimento Psicoterápico.

<sup>1</sup> Na história da psicanálise, atribui-se “retorno a Freud” à leitura realizada por Lacan dos textos freudianos. Nesse signo está inscrito o seu julgamento de que os psicanalistas de sua época haviam perdido o sentido original dos textos de Freud. Caberia, então, realizar o retorno que questionaria sob quais condições a psicanálise seria possível (Roudinesco; Plon, 1998).

Nesse sentido, pretende-se criar condições teóricas para problematizar as relações entre os dois autores no que se refere ao conceito de pulsão e suas noções de sexualidade.

### **O Conceito de Pulsão em Freud: Origem, Desenvolvimento e sua Interpretação em Lacan**

Na obra freudiana, o conceito de pulsão<sup>2</sup>, de acordo com Gomes (2001), tem o seu primeiro esboço no “Projeto para uma psicologia científica” de 1895, não sendo em 1905 em os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” como afirmam alguns autores, dentre os quais Laplanche e Pontalis. Segundo Gomes (2001, p. 251), no Projeto, Freud:

[...] propõe a ideia de que o sistema psi está exposto a quantidades de excitação provenientes do interior do corpo (os estímulos endógenos) “e nisto se encontra a mola pulsional [Triebfeder] do mecanismo psíquico”. A vontade (“Wille”), diz ele, é “o derivado das pulsões [Triebe]”.

Mais tarde, em seu texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, obra dedicada às aberrações sexuais, publicada em 1905, Freud (1996), no intuito de explicar o funcionamento da sexualidade humana, inicia o desenvolvimento teórico do conceito de pulsão. É por meio dessa conceituação inicial sobre pulsão que ele descreve os “desvios em relação ao objeto sexual”. Estes “desvios” incluem a “inversão”, os “imatuross sexuais” e “animais tomados como objetos sexuais”. A partir dessa terminologia, Freud (1996) designa três formas de comportamentos sexuais, consideradas “taras” pelos médicos do fim do século XIX. São essas: a homossexualidade, a pedofilia e a zoofilia.

Ainda no que compete ao conceito de pulsão nos Três ensaios, Freud (1996, p. 159) expõe que a pulsão sexual é contingente, sendo seus alvos diversos e variados. Ele supõe que esta pulsão surge dos órgãos somáticos nas denominadas “zonas erógenas”, que caracterizam um tipo específico de excitação. “Tal órgão deve ser aqui denominado de ‘zona erógena’: órgão cuja excitação confere à pulsão um caráter sexual”. No texto, Freud (1996) entende que a pulsão sexual se integra de várias pulsões parciais que se diferenciam por suas fontes e alvos. O entendimento de Freud (1996) da parcialidade das pulsões opera por uma abordagem desenvolvimentista onde há convergência e confluência genital. Essa abordagem

---

<sup>2</sup> De acordo com Roudinesco e Plon (1998), o termo equivalente “pulsão”, tradução do alemão “Trieb”, foi escolhido para evitar a confusão com “instinto” e “tendência”, já que tais significados também são possíveis. Esses autores pontuam que essa opção de tradução corresponde ao sentido atribuído por Freud que buscou representar a especificidade do psiquismo humano, deixando o termo “Instinkt” para qualificar os comportamentos animais. Gomes (2001) destaca que as poucas vezes que Freud utilizou esse último em sua obra, foi para se referir a um conhecimento ou significado inato dado pela hereditariedade em oposição a um conhecimento ou significado dado pela experiência individual.

compreende as pulsões dirigidas ao corpo biológico. Dentre essas pulsões parciais, o autor descreve as pulsões oral, anal, fálica, a pulsão de ver e a pulsão sádica. A respeito destas pulsões parciais e sua relação com as zonas erógenas, conceituou Freud (1996):

[...] Na neurose obsessiva, o que mais se destaca é a significação dos impulsos que criam novos alvos sexuais e parecem independentes das zonas erógenas. Não obstante, na escopofilia e no exibicionismo o olho corresponde a uma zona erógena; no caso da dor e da crueldade como componentes da pulsão sexual, é a pele que assume esse mesmo papel – a pele, que em determinadas partes do corpo diferenciou-se nos órgãos sensoriais e se trasmudou em mucosa, sendo assim a zona erógena [...] (FREUD, 1996, p. 160).

Nessa explicitação, Freud (1996) apresenta a operação das diferentes pulsões parciais de acordo com as psicopatologias correspondentes. Dentre as quais se situam a escopofilia e o exibicionismo, relacionadas à pulsão de ver, e o sadismo e o masoquismo, com seus componentes sexuais, dor e crueldade, que estão relacionados à pulsão sádica. É importante perceber a parcialidade da pulsão nas diferentes psicopatologias, que envolvem a excitação de determinado órgão (olho e pele), ou seja, da zona erógena correspondente.

Sobre o conteúdo dos Três ensaios e sua relação com o conceito de pulsão, escreveu Lacan (1988a, p.167):

Desde os Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade, Freud pôde colocar a sexualidade como essencialmente polimorfa, aberrante. O encanto de uma pretensa inocência infantil foi rompido. Essa sexualidade, por se impor tão cedo, eu quase diria cedo demais, nos fez passar depressa demais pelo exame do que ela representa em sua essência. É, a saber, que em relação à instância da sexualidade, todos os sujeitos estão em igualdade, desde a criança até o adulto - que eles só têm a ver com aquilo que, da sexualidade, passa para as redes da constituição subjetiva, para as redes do significante<sup>3</sup> - que a sexualidade só se realiza pela operação das pulsões, no que elas são parciais, parciais em relação à finalidade biológica da sexualidade.

A interpretação de Lacan insere o conceito de significante, próprio do estruturalismo<sup>4</sup>, oriundo de sua época. Ao realizar tal leitura, Lacan cria um novo fundamento com sua atividade interpretativa, o que se expressa na concepção de pulsão e sexualidade: ambas são integradas ao viés do significante e sua lógica estruturalista. Essa interpretação vai muito mais ao sentido de transformar/deformar o texto original numa

---

<sup>3</sup> Segundo Zizek (2010, p. 46), “significante é um termo técnico, cunhado por Saussure, que Lacan usa de modo muito preciso: não é simplesmente o aspecto material de um signo (contraposição a significado, seu sentido), mas um traço, uma marca, que representa o sujeito”. O autor o explica da seguinte forma tal termo: “sou através de significantes que me representam, significantes constituem minha identidade simbólica”.

<sup>4</sup> Estruturalismo é uma corrente de pensamento das ciências humanas que se inspirou na teoria da linguística de Ferdinand Saussure (1857-1913). Essa teoria entende a realidade como um conjunto de relações, dando prioridade para a língua em uma perspectiva internalista (VANDENBOS, 2010).

perspectiva internalista, do que situá-lo numa perspectiva epistemológica, histórica e social, buscando entender o texto a partir das reais concepções do autor lido, ou seja, a partir da sua situação e problemática de época.

Ainda no que tange à interpretação de Lacan dos Três ensaios, percebe-se que as pulsões são entendidas como parciais em relação à finalidade biológica da sexualidade, o que pressupõe que o autor reconhece que a finalidade biológica ou integral da sexualidade é a reprodução. No entanto, para Lacan essa sexualidade humana só se realiza pela operação de pulsões parciais, necessitando da noção das redes do significante e do sujeito para existir, ou seja, para ser concebida. Essa concepção desassemelha-se do entendimento desenvolvimentista de pulsão parcial de Freud, que a localiza em um corpo biológico e explica seu surgimento relacionado aos órgãos somáticos.

### **A Primeira Teoria Freudiana das Pulsões**

Apesar do conceito de pulsão ter origem teórica anterior, é somente no texto “Pulsões e o destino da pulsão” de 1915 — texto no qual Lacan se debruça em seu Seminário 11 — que Freud (2004) desenvolve a sua primeira teoria sistemática das pulsões, tal como evidenciou Gomes (2001). Nesse trabalho, Freud (2004a, p. 148) esboçou a seguinte conceituação sobre o tema:

Se abordarmos agora a vida psíquica do ponto de vista biológico, a “pulsão” nos aparecerá como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que provém do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida da exigência do trabalho do corpo imposta ao psíquico.

Nesse entendimento, percebe-se a influência da biologia na conceituação da pulsão, já que é do ponto de vista da lógica desta ciência que é formulada tal concepção, relacionando o somático (corpo biológico) com o psíquico (mente). Mais a frente nesse trabalho, Freud (2004a, p. 151) novamente recorre à biologia para distinguir e classificar as pulsões, entendendo as dificuldades de obtenção de dados e indicações decisivas na análise do material psicológico:

[...] A biologia ensina que a sexualidade não pode ser equiparada às outras funções do indivíduo, pois suas tendências vão além dele e têm por conteúdo a produção de novos indivíduos, portanto, a conservação da espécie. Além disso, a biologia nos mostra que duas concepções a respeito da relação entre o Eu e a sexualidade coexistem lado a lado, com igual direito. Uma concepção reza que o indivíduo é o elemento principal e a sexualidade, uma de suas atividades, e que a satisfação sexual é uma das necessidades [Bedürfnisse] do indivíduo. A outra concepção afirma que o indivíduo é um apêndice temporário e transitório do plasma germinal — quase imortal — que lhe é confinado de geração a geração [...].

Como se percebe nessa suposição, Freud, pegando emprestado o conhecimento da biologia de sua época, concebe a sexualidade relacionada à conservação da espécie, sendo essa sua finalidade última. Ele esboça duas concepções biológicas que coexistiriam, lado a lado, com igual direito, ou seja, sem gerar contradição. Ambas consideram o indivíduo. A primeira concepção valoriza o indivíduo como elemento principal, sendo a sexualidade uma das suas atividades, cuja satisfação é uma necessidade. A segunda considera o indivíduo como transição do plasma germinal, que passa de geração em geração. Nessa concepção, a sexualidade está no cerne do processo biológico, ou seja, enquanto continuidade da vida ou conservação da espécie. Além do texto “Pulsões e destino da Pulsão” de 1915, esse entendimento aparece no texto “Além do princípio do prazer” de 1920 (FREUD, 1996; FREUD, 2006). O que evidencia a conservação de uma concepção biologista de sexualidade em Freud.

É por meio dessa concepção, que Freud (2004a) classifica as pulsões originais em dois grupos: as pulsões sexuais e as pulsões do Eu. Em sua compreensão, as pulsões sexuais têm origem em múltiplas fontes orgânicas e sua meta é obter o prazer do órgão, mas tornam-se funções sexuais propriamente ditas quando entram a serviço da função da reprodução. Freud (2004a) entende que as pulsões do Eu têm a finalidade de autoconservação, ficando a serviço do desenvolvimento psíquico, determinado pelo princípio da realidade. Já as pulsões sexuais encontram-se ao domínio do princípio do prazer. Conforme o autor, as pulsões sexuais podem ter quatro destinos: a inversão, a reversão contra a própria pessoa, a sublimação e o recalque. Nesse artigo, ele aborda os dois primeiros, deixando de lado a sublimação. Na sequência, Freud (2004b) escreveu outro sobre o tema, “O recalque” de 1915, onde coloca o conceito de “recalque” como uma das pedras angulares da psicanálise.

É importante situar no texto “Pulsões e destino da pulsão”, o conceito de apoio que é esboçado no intuito de apresentar as relações existentes entre pulsões do Eu (ou de autoconservação) e pulsões sexuais. Ao teorizar sobre as pulsões sexuais, Freud (2004a, p. 151) escreve:

Em sua primeira manifestação, ainda se veiculam apoiadas nas pulsões de autoconservação, das quais só se separam pouco a pouco. O mesmo ocorre com a busca do objeto, atividade para a qual se servem das trilhas que as pulsões do Eu lhes deixaram indicadas. Uma parte das pulsões sexuais permanece por toda vida abrigada nas pulsões do Eu, emprestando-lhes componentes libidinais que passam despercebidos durante o funcionamento normal das pulsões do Eu, e só revelam de modo inequívoco quando do adocimento.

Nesse trecho é possível perceber que Freud entende por apoio a vinculação entre pulsões sexuais e pulsões de autopreservação. Esta permanece por toda a vida. Um exemplo dessa relação encontra-se no ato de comer: a pessoa ingere o alimento no intuito de saciar a pulsão alimentar (autoconservação); no entanto essa está igualmente apoiada na pulsão sexual, cujo alvo é a obtenção de prazer oral. No adoecimento, ou seja, na psicopatologia, essa relação se torna mais visível. A partir da análise da primeira teoria freudiana das pulsões é possível perceber que o biológico e o psicológico são indissociáveis.

### **A Interpretação Lacaniana Da Primeira Teoria das Pulsões**

Em seu seminário 11, Lacan (1988a) expõe sua leitura e interpretação do artigo “Pulsões e destino da pulsão” de Freud. Ele concluiu que todo esse artigo foi feito para “mostrar que em relação à finalidade biológica da sexualidade, isto é a reprodução, as pulsões, tais como elas se apresentam no processo da realidade psíquica, são pulsões parciais” (LACAN, 1988a, p. 166). Com essa interpretação, Lacan procura isolar a elaboração freudiana de suas bases biológicas, insistindo no caráter de movimento da pulsão e distinguindo-a das concepções funcionais. Nesse sentido, ele transforma/deforma o sentido freudiano no qual o biológico é um componente necessário. Para Lacan (1988a), a pulsão é uma montagem, mediante a qual a sexualidade participa da vida psíquica, conformando-se a hiância do inconsciente. O autor entende que a mesma é caracterizada pela descontinuidade e pela ausência de uma lógica racional.

Participante da vida psíquica pela pulsão, a sexualidade, para Lacan (1988a), representa o intervalo entre duas extremidades: o recalcado primordial e a interpretação. Ele considera o recalcado primordial como um andaime de significantes, que edifica por cima para constituir o sintoma, sendo a interpretação o próprio desejo.

Para Lacan (1998b, p. 142), a realidade do inconsciente é a realidade da sexualidade. Sobre o inconsciente vale ressaltar que, para o autor, “são os efeitos da fala sobre o sujeito, é a dimensão em que o sujeito se determina no desenvolvimento da fala, em consequência do que, o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Partindo do princípio de que a realidade do inconsciente é a realidade da sexualidade, e de que esse é estruturado em linguagem, vale ressaltar, conclusivamente, que a realidade da sexualidade também é estruturada em linguagem. É por meio da sexualidade, estruturada em linguagem, isolada

das bases biológicas freudianas, que participa da vida psíquica por meio de pulsões parciais, que é possível falar do sujeito em Lacan.

Dentro da primeira teoria das pulsões, Freud (2004a, p. 148), entende que a pulsão ou o estímulo pulsional não provém do mundo externo, mas do próprio interior do organismo, agindo como uma força constante e tornando-se uma necessidade que só se suspende com a satisfação. “A meta de uma pulsão é sempre a satisfação, que só pode ser obtida quando o estado da estimulação presente na fonte pulsional é suspenso”. É justamente aí que está a diferença entre estímulo externo e estímulo pulsional. Do primeiro, o organismo pode se esquivar ou fugir, o que não acontece no segundo, devido à constância do impulso. Sobre essa constância, interpretou Lacan:

A constância do impulso proíbe qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, a qual tem sempre um ritmo. A primeira coisa que diz Freud da pulsão é, se posso me exprimir assim, que ela não tem dia nem noite não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida. É uma força constante. (LACAN, 1988c, p. 157).

Nesse trecho, Lacan concebe a pulsão como uma força constante que opera dinamicamente no ser humano, controlando sua atividade. Ao mesmo tempo, o autor, em sua operação interpretativa, procura, tal como antes, retirar as bases biológicas da pulsão que, nos demais seres vivos, possui um ritmo particular. Essa concepção parte da noção de que existe um ritmo na sexualidade dos animais que só opera instintivamente na época do acasalamento, não a separando de seus fins reprodutivos. Nesse sentido, em tal concepção existe o entendimento de que a sexualidade humana não possui um ritmo determinado como a sexualidade dos animais, apesar de também estar intimamente ligada à reprodução. Ela se configura no ritmo da linguagem, no ritmo do significante, sendo muito mais complexa, não podendo assim ser reduzida a uma mera sexualidade animalesca.

O alvo da pulsão/instinto animal é o seu fim reprodutivo, a perpetuação da espécie. O seu circuito possui um ritmo cujo retorno é a reprodução, que se realiza de maneira natural. Nesse sentido, vale ressaltar que para Lacan (1998a, p. 169-170), o alvo de uma pulsão parcial (humana) “é sempre o retorno ao circuito”. Em relação à totalidade biológica da pulsão, ele afirma que a pulsão parcial obtém sua satisfação sem atingir o alvo. Com essa interpretação transformadora/deformadora do sentido freudiano, Lacan esboça uma nova conceituação sobre pulsão, produzindo condições para outro entendimento da sexualidade humana que se constitui na e pela língua, uma das características determinantes na diferenciação entre a espécie humana e a animal.

É pela introdução do conceito de significante, pela introdução do Outro, que essa sexualidade (inconsciente) pode se estruturar enquanto simbólico, ou seja, enquanto linguagem. Nesse sentido, vale ressaltar que para Lacan (1988d, p. 178) o sujeito se realiza sempre no Outro pelo efeito de fala:

[...] mas ele aí já não persegue mais que uma metade de si mesmo. Ele só achará seu desejo sempre mais dividido, pulverizado, na destacável metonímia da fala. O efeito de linguagem está o tempo todo misturado com o fato, que é o fundo da experiência analítica, de que o sujeito só é sujeito por ser assujeitamento ao campo do Outro, o sujeito provém de seu assujeitamento sincrônico a esse campo do Outro.

A introdução do Outro, enquanto categoria conceitual analítica, representa um dos pontos chaves para o entendimento da noção de sexualidade em Lacan. É por meio do desejo, da sexualidade do Outro, expressa na fala, que o sujeito pode se constituir enquanto sujeito. Entretanto essa sexualidade, manifestada em linguagem (metonímia da fala), constitui um sujeito dividido: de um lado a metade que é “si mesmo” e de outro, uma metade que é o Outro. É dessa divisão entre o que o sujeito deseja (o que ele é) e o que os outros desejam dele que caracteriza, segundo Zizek (2010, p. 48), “a problemática da histeria”. Segundo o mesmo autor, essa divisão revela uma fórmula de Lacan, segundo a qual “o desejo do homem é o desejo do outro”. Nesse sentido, “para Lacan o impasse fundamental do desejo humano é que ele é desejo do outro, tanto no genitivo subjetivo como no objetivo: desejo pelo outro, desejo de ser desejado pelo outro, especialmente, desejo pelo que o outro deseja” (ZIZEK, 2010, p. 48).

O entendimento de Lacan, ao inserir a noção de “desejo do outro” e “significante” reinterpreta o conceito de pulsão e a noção de sexualidade em psicanálise, elevando esta para além do indivíduo intrapsíquico freudiano - que permanece vinculado à biologia - propondo um sujeito intersíquico, que só se constitui pelo assujeitamento ao campo do Outro, ou seja, pela sexualidade do Outro. Essa nova contribuição foi possível não por um entendimento do real significado do texto freudiano, no sentido de superação das concepções freudianas, mas por um entendimento particular de Lacan sobre aquilo que Freud escreveu. Essa contribuição consistiu em sacrificar as bases biológicas, muito caras para Freud e necessárias para a conceituação da pulsão e para o desenvolvimento de sua teoria naturalista da sexualidade. Essa questão fica mais evidente na interpretação lacaniana da segunda teoria freudiana das pulsões.



## A Segunda Teoria Freudiana Das Pulsões

Como constatado nos tópicos anteriores, na primeira teoria freudiana das pulsões, as bases biológicas constituem um importante aspecto da pulsão: trata-se de um conceito-limite entre o somático e o psíquico. Com esse conceito-limite, Freud mantém uma relação de sua abordagem com a biologia, o que reflete na sua concepção de sexualidade. Essa relação se conserva em sua obra e pode ser entendida como “psicobiologia”.

Apesar de sofrer uma reestruturação conceitual, o legado psicobiológico freudiano permanece na segunda teoria das pulsões, esboçada em “Além do princípio de prazer”, texto de 1920 (GOMES, 2001). Nesse texto, Freud (2006, p. 160) apresenta uma nova concepção teórica, incluindo o conceito de compulsão à repetição<sup>5</sup>, entendendo a pulsão como:

[...] uma força impelente [Drang] interna ao organismo vivo que visa a restabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas. Trata-se, portanto, de uma espécie de elasticidade orgânica, ou, se preferirmos, da manifestação da inércia na vida orgânica.

Aqui é possível perceber que Freud generaliza o conceito de pulsão para além da vida psíquica humana que se encontrava representada na primeira teoria das pulsões. Nesse trabalho, ele busca estender a pulsão para toda vida orgânica presente nos animais, nas plantas e nos organismos unicelulares.

Nessa perspectiva, Freud (2006) insere dois conceitos: pulsão de vida e pulsão de morte. O autor concebe a pulsão de vida como a tendência à formação de unidades maiores, à aproximação e à unificação entre as partes dos seres vivos. Na linha contrária, a pulsão de morte é concebida como tendência à separação, à destruição, e, sinteticamente, como retorno ao estado inorgânico. A respeito da pulsão e sua relação com os organismos, escreveu Freud (2006, p. 164):

É como se houvesse um ritmo alternante na vida dos organismos: um grupo de pulsões precipita-se à frente, a fim de alcançar o mais breve possível o objetivo final da vida; o outro grupo, após chegar a um determinado trecho desse caminho, apressa-se a voltar para trás, a fim de retomar esse mesmo percurso a partir de um certo ponto e assim prolongar a duração do trajeto.

Aqui a pulsão não é mais só a exigência de trabalho feita pelo somático ao aparelho psíquico, mas representa tendências que estão presentes em todos os seres vivos. Nesse

---

<sup>5</sup> Freud (2006) desenvolveu esse conceito em “Além do princípio de prazer”. No entanto, de acordo com Roudinesco e Plon (1998, p. 656) o autor: “relacionou desde muito cedo as ideias de compulsão (Zwang) e repetição (Wiederholung) para dar conta de um processo inconsciente e, como tal, impossível de dominar que obriga o sujeito a reproduzir sequências (atos, ideias, pensamentos ou sonhos) que, em sua origem, foram geradoras de sofrimento, que conservam esse caráter doloroso”. A compulsão à repetição provém do campo das pulsões, possuindo um caráter conservador de insistência (ROUDINESCO; PLON, 1998).

sentido, Freud (2006) concebe as pulsões - que anteriormente eram manifestações da vida psíquica, tal como expresso na primeira teoria das pulsões - como resultado ou efeito da ação confluyente ou antagonica destas duas tendências que emanam do nível biológico.

Diferente da primeira teoria das pulsões, onde a biologia é convocada de modo a produzir os pressupostos teóricos para o esboço do conceito de pulsão, no qual a delimitação era o humano, na segunda teoria essa assume toda elaboração teórica, sendo a base integral. Nessa, as pulsões de vida e de morte expressam a plena naturalização do conhecimento psicanalítico freudiano, o que significa uma maior imersão nas teorias biologistas dominantes de sua época. Nessa teoria, não há mais um reducionismo<sup>6</sup> à sexualidade humana, mas o reducionismo agora opera, ao que tudo indica, em direção à própria natureza, sendo a sexualidade, concebida por um viés naturalista integral, que opera em uma dinâmica de criação e destruição, dinâmica essa que está presente em todos os seres vivos.

### **A Interpretação Lacaniana da Segunda Teoria das Pulsões**

No que compete à segunda teoria das pulsões, a leitura/interpretação de Lacan, tal como na primeira, também vai ao sentido de transformar/deformar o entendimento naturalista de Freud. Nessa leitura, Lacan (1997) não concebe o dualismo pulsional (vida e morte), tal como conceituado por Freud (2006), toma apenas a pulsão de morte, que vem a representar aspectos tanto da pulsão de vida como da pulsão de morte. Essa interpretação é realizada pelo viés de noções próprias das teorias linguísticas estruturalistas.

Lacan (2008) concebe a pulsão sexual articulada ao nível de significações no inconsciente, a dimensão do significante que se apresenta a morte. Busca explicar a afinidade de toda pulsão com a zona de morte, que, em seu entendimento, presentificaria a sexualidade no inconsciente, representando a morte em essência (ALMEIDA, 2016; LACAN, 2008). Segundo Lacan (2008), essa pulsão estaria além de toda a lei, de maneira a governar a relação do sujeito como o mundo e com a realidade. O autor entende que a pulsão parcial é, por fundamento, pulsão de morte, “representando em si mesma a parte da morte no vivo sexuado” (LACAN, 2008, p. 2001).

---

<sup>6</sup> A respeito da operação epistemológica Freud, é importante contextualizar que, de acordo com Assoun (1983), o estatuto epistêmico de ciência do psiquismo em Freud é, desde o início, reducionista. Segundo o autor, é esse reducionismo que funda o chamado monismo epistemológico. Esse que concebe apenas o modelo de “ciência da natureza” como única possibilidade, não expressando relação dual de semelhanças ou oposição com a ciência do espírito. Essa concepção se deve, também, ao contato de Freud com os anátomo-fisiologistas, ou seja, importantes médicos e/ou biólogos de sua época que estudavam anatomia e fisiologia (ASSOUN, 1983).

É importante destacar, tal como constatou Almeida (2016, p. 85), que em Lacan existe uma leitura monista da segunda teoria das pulsões. Nessa leitura, “não há oposição ou um conflito de interesses como expressos na descrição da teoria pulsional freudiana”. Outro aspecto da conceituação de Lacan (2008, p. 174) da pulsão de morte diz respeito à relação entre sexo e morte. O autor entende que o sexo representa a perpetuação e a morte o fim da vida. Nessa concepção a pulsão, “parcialmente, refere-se a curva da terminação da sexualidade no ser vivo. Como espantar-se que seu último termo seja a morte? Pois que a presença do sexo está ligada a morte”.

A partir da análise da leitura e interpretação de Lacan da segunda teoria das pulsões é possível evidenciar mais dessemelhanças. Se em Freud existe a orientação por uma perspectiva naturalista, procurando generalizar o conceito de pulsão para todos os seres vivos, na qual a sexualidade humana é entendida com parte da própria natureza, em Lacan percebe-se uma insistência em uma sexualidade propriamente humana, que opera pela linguagem, sendo a pulsão parcial entendida como pulsão de morte que se aplica no vivo humano. Aqui é possível constatar mais uma transformação/deformação estruturalista da sexualidade em Freud, realizada por Lacan, que faz desaparecer seu sentido naturalista. Em Lacan, é possível perceber um reducionismo à linguagem, na qual a sexualidade é parte dela. Em Freud, o entendimento da sexualidade, desde os seus primeiros trabalhos, passando pela teoria das pulsões e outros trabalhos, permanece ligado à biologia e/ou às concepções naturalistas de sua época.

### **Da Relação das Bases Biológicas Com as Teorias de Freud e Lacan: Influências**

A partir do que foi estudado, cabe contextualizar que Freud, com base no desenvolvimento de sua teoria, não chega a considerar ou problematizar outro modelo de ciência que não fosse o de ciência natural. A operação epistemológica, em toda sua obra, é realizada a partir desse modelo. Como se não houvesse outro, o que pode ser chamado de monismo epistemológico (ASSOUN, 1983; SIMANKE, 2009). De acordo com Assoun (1983), para Freud a psicanálise não constitui um intermediário na encruzilhada entre a esfera das ciências do espírito e a das ciências naturais, mas ela se encontra inteiramente, por essência, tendendo do lado da natureza. Vale aqui destacar que essa concepção e/ou modelo de ciência de Freud tem uma de suas influências no naturalismo evolucionista de Charles Darwin (1809-1882). De acordo com Roudinesco e Plon (1988), Freud, inspirado

pelo modelo darwinista, quis incluir a psicanálise entre as ciências naturais, ou pelo menos lhe conferir um estatuto de ciência dita “natural”.

Esse fato é perfeitamente entendível já que o contexto científico europeu do início do século XX foi marcado por acaloradas discussões a respeito da cientificidade da psicologia, sendo o darwinismo uma vertente dominante. Segundo Schultz e Schultz (2005), Freud, ao fim da vida, chegou a afirmar que o estudo da teoria da evolução de Darwin foi parte fundamental do programa de formação de psicanalistas. Esses autores ainda destacam que o modelo naturalista de Charles Darwin já tinha discutido algumas noções, consideradas centrais pela psicanálise, tais como: os conflitos e processos inconscientes; o significado dos sonhos; o simbolismo oculto de alguns comportamentos; a importância do impulso sexual; o desenvolvimento infantil.

A influência do darwinismo, a concepção de uma sexualidade naturalista que engloba o indivíduo humano e o desejo de Freud de conferir o título de ciência natural ao seu sistema psicológico, são algumas das condições que estão, possivelmente, ligadas à sua resistência e ao seu afastamento da filosofia. Assim como ponderou Mezan (2011), Freud encarava com desprezo a filosofia e os filósofos, satirizando a pretensão do saber absoluto, o dogmatismo, e a indiferença que, em sua maneira de pensar, são marcas registradas da filosofia. Segundo o mesmo autor, Freud alude à idiosincrasia dos filósofos, tratando-os como uma elite reduzida, sem qualquer influência sobre a maioria dos homens, embora eles consigam - com facilidade - transformar uma resistência interna em uma contradição lógica. O desprezo de Freud pela filosofia, possivelmente, resultante de uma concepção naturalista e monista de ciência, não se configura como parte do pensamento e da obra de Lacan, representando uma dessemelhança.

Segundo Roudinesco e Plon (1988), Lacan foi o único a dar à obra freudiana uma estrutura filosófica, tirando-a de seu ancoramento biológico. Os autores afirmam que o paradoxo dessa interpretação inovadora é que ela reintroduziu na psicanálise o pensamento filosófico alemão, do qual Freud tinha se afastado voluntariamente. Ao realizar sua releitura de Freud em 1950, Lacan não abandona a leitura e a prática filosófica. Ele a integra à teoria e à prática psicanalítica.

Esta releitura é ancorada, principalmente, na filosofia hermenêutico-ontológica de Martin Heidegger (1889-1976), na linguística filosófica de Ferdinand de Saussure (1857-1913) e na antropologia de Claude Levi-Strauss (1908-2009). Conforme Roudinesco e Plon

(1998), da filosofia de Heidegger Lacan abstraiu o questionamento infinito sobre o estatuto da verdade, do ser (Dasein) e de seu desvelamento; da linguística de Saussure, ele abstraiu sua concepção do significante, e de um inconsciente organizado em linguagem; da antropologia de Levi Strauss, ele abstraiu a noção de simbólico, que iria configurar uma nova tópica: simbólico, real e imaginário.

Ao interpretar o texto freudiano, Lacan evoca a filosofia, desprezada pelos psicanalistas de sua época, dando à sexualidade uma nova significação. É por meio das preocupações, questionamentos e concepções filosóficas que Lacan, possivelmente, desenvolve meios intelectuais para afastar e justificar o afastamento das bases biológicas da psicanálise, entendendo a sexualidade como um processo que, desde o começo, é dependente da linguagem, de suas redes de significantes. É importante aqui ponderar que o afastamento das bases biológicas corresponde a uma transformação/deformação estrutural da epistemologia freudiana. Essa que foi constatada a partir da comparação da noção de sexualidade nos dois autores. Essa transformação/deformação em Lacan é, muitas vezes, afirmada pelo mesmo e também pelos lacanianos como se fosse de Freud. E como apresentado: entre o entendimento de pulsão e de sexualidade de ambos os autores existem notáveis diferenças epistemológicas.

Segundo Zizek (2010), a tese de Lacan é que Freud não estava ciente da noção da fala (linguagem) implicada por sua própria teoria e prática, e que só se pode desenvolver essa noção quando se refere à linguística saussuriana, à teoria dos atos de fala e à dialética hegeliana do reconhecimento. Com base nessa premissa e nas leituras dos textos de Freud, pode-se dizer que o mesmo, realmente, não pôde e não desenvolveu uma teoria da linguagem para compreender/interpretar o fenômeno da sexualidade. A sua relação com a biologia, a sua concepção monista e naturalista de ciência, as problemáticas de sua época foram alguns dos limites para isso.

O que Lacan realizou foi outra leitura, uma releitura mais criativa do que descritivo-analítica. Essa que foi embasada nas problemáticas de sua época, orientadas principalmente pelo estruturalismo, estabelecendo um contato filosófico com a obra freudiana na tentativa de compreendê-la. Ao realizar tal releitura, ele desenvolve uma nova compreensão/interpretação para o fenômeno da sexualidade, lançando sobre esse uma significação que escapa dos domínios do naturalismo (darwinista) e do cientificismo, entrando no terreno da linguística e da filosofia. Essa sexualidade, entendida pelo viés da

linguística, é tecida em seus seminários, representando a expressão criativa de sua “psicanálise filosófica” que através da sua própria “fala” se justifica. Lacan falando apresentou a importância e a efetividade da linguagem falada na constituição da sexualidade do sujeito inconsciente.

Dando um passo a mais em outra direção, sem a intenção de superar o mestre, Lacan recriou a psicanálise freudiana e com essa a noção de sexualidade, o seu alicerce. Afastando o conceito de pulsão das bases biológicas freudianas, e aproximando-a da linguística e da filosofia, Lacan concebeu uma sexualidade estruturada em linguagem. Para ele, a sexualidade, que representa o “intervalo” entre o recalcado primordial e a interpretação, participa da vida psíquica por meio de pulsões parciais e encontra o seu fundamento no campo do Outro, onde a pulsão retoma sempre o circuito. É a partir da sexualidade do Outro, expressa em linguagem, que o sujeito pode, de fato, se tornar sujeito.

A psicanálise de Lacan se centra em cima desse prisma, no sujeito intersíquico que está sempre em impasse com a sua sexualidade, no que compete ao seu próprio desejo e ao desejo do Outro. Este último que não pode, de modo nenhum, oferecer segurança, tal como afirma Zizek (2010) ao pensar Lacan. A concepção lacaniana de sexualidade só foi possível porque houve uma transformação/deformação epistemológica do sentido naturalista freudiano, que tem sua edificação no conceito de pulsão.

### **Considerações Finais**

O presente trabalho proporcionou um estudo sobre a noção de sexualidade em Freud e Lacan, orientado pelo conceito de pulsão. Devido à sua vastidão teórica, esse assunto não se encerra nesse artigo. O mesmo buscou cumprir o seu papel em problematizar algumas das principais diferenças entre ambos os autores, levando também em consideração algumas correntes teóricas e filosóficas que influenciaram suas concepções.

Em relação às diferenças entre suas noções de sexualidade, vale destacar que em Freud a sexualidade permanece, desde o início, ligada a um legado psicobiológico, sendo a pulsão o viés: em um primeiro momento, representando exclusivamente o ser humano (primeira teoria das pulsões), em um segundo momento representando todos os seres vivos (segunda teoria das pulsões). Em ambas as teorias, a sexualidade é concebida como um fenômeno natural.

Em Lacan, observa-se uma sexualidade que opera exclusivamente por meio da linguagem. Uma sexualidade que, sendo uma realidade inconsciente, se estrutura na língua e atravessa o sujeito desde o seu nascimento por meio de redes de constituição subjetiva, ou seja, de significante. Essa compreensão/interpretação de sexualidade, deslocada das bases biológicas freudianas representa uma importante dessemelhança de Lacan no que comete ao sentido freudiano original. Essa noção de sexualidade foi possível graças a uma transformação/deformação do entendimento de Freud. Para esse último, a noção de sexualidade é originalmente entendida a partir de uma concepção naturalista, que tomava o modelo de ciências naturais como o único.

Na discussão, percebeu-se, que existe em Freud uma concepção biologista de pulsão desde as primeiras aparições do conceito, se conservando na primeira e na segunda teoria das pulsões, mesmo com a sua transformação conceitual. Essa concepção naturalista de sexualidade é formulada a partir de noções teóricas da biologia de sua época, tais como: necessidade/satisfação sexual e conservação da espécie. Apesar de ter operado uma verdadeira revolução conceitual no que compete à sexologia, Freud ainda conserva resíduos da antiga ciência, o que pode ser percebido na sua definição de pulsão. Esses entendimentos psicobiológicos levam-no à concepção de indivíduo intrapsíquico.

Já em Lacan não se observa tal concepção. Ao contrário, percebe-se a concepção de um sujeito intersíquico, principalmente pela noção de Outro e de sexualidade do Outro. A linguagem, tema central estudado pelo estruturalismo, é introduzida por esse autor como categoria das investigações psicanalíticas. O que se percebe na dita “psicanálise lacaniana” é uma transformação/deformação nocional da sexualidade e do conceito de pulsão, conservando os temas principais da psicanálise freudiana, embora com outro sentido. Lacan faz uma releitura criativa e transformadora/deformadora dos textos de Freud, evocando a filosofia e significando a sexualidade com base nas problemáticas de sua época. No entanto, ao realizar tal construção teórica, perdeu-se o sentido freudiano que, em essência, é naturalista.

### **Referências bibliográficas**

ALMEIDA, H. *A leitura lacaniana do conceito de pulsão*. 91 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação e Psicologia) Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

ASSOUN, P. L. *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud*, vol. VII, p. 163-195, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Pulsões e destinos da pulsão. In: *Escritos sobre a Psicologia do inconsciente*, vol. 1, p. 133-173, Rio de Janeiro: Imago, 2004a.

FREUD, S. O recalque. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, vol. 1, p. 175-193, Rio de Janeiro: Imago, 2004b.

FREUD, S. Além do princípio de prazer. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*, vol. 2, Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GOMES, G. Os dois conceitos freudianos de Trieb. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 17, n° 3, 2001.

LACAN, J. A pulsão parcial e seu circuito. *O Seminário*, Livro, 11, p. 165-176, Rio de Janeiro: Zahar, 1998a.

LACAN, J. A sexualidade nos desfiles do significante. *O Seminário*, Livro, 11, p. 142-152, Rio de Janeiro: Zahar, 1988b.

LACAN, J. Desmontagem da Pulsão. *O Seminário*, livro, 11, p. 153-164, Rio de Janeiro: Zahar, 1988c.

LACAN, J. Do amor à libido. *O seminário*, livro 11, 177-189, Rio de Janeiro: Zahar, 1988d.

LACAN J. A ética da psicanálise. *O Seminário*, livro 6, Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. *O seminário*, livro 11, Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MEZAN, R. *Freud: A trama dos Conceitos*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SCHULTZ, D. P.; Schultz S. E. *História da psicologia moderna*. Tradução da oitava edição norte-americana. Cengage Learning: São Paulo, 2005.

SIMANKE, R. T. A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Scientle Studia*, v. 7, n. 2, p. 221-35, 2009.

VALENÇA, M. D. C. A. *A feminilidade em Freud e na contemporaneidade: repercussões e impasses*. 147 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2003.

VANDENBOS, G. R. *Dicionário de psicologia da APA*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ZIZEK, S. *Como ler Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.